

O TRABALHO EM GRUPO COM PAIS DE CRIANÇAS DEFICIENTES AUDITIVAS

*Josefina Martins Carvalho
Maria Cristina da Cunha Pereira*

Este trabalho faz parte de uma proposta desenvolvida pela Pré-Escola do Instituto Educacional São Paulo (IESP), da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Nos últimos anos, fundamentada numa abordagem sociointeracionista-construtivista, a pré-escola tem enfatizado o papel que a interação parece ter na construção da linguagem, do conhecimento e do psiquismo. A nosso ver, tal processo se dá inicialmente na interação mãe-criança e se amplia, na escola, com a professora e com as outras crianças.

No relato que apresentamos a seguir, tendo em vista uma experiência com grupo de pais, deter-nos-emos na interação que se estabelece entre pais ouvintes e crianças deficientes auditivas a partir dos dados que os pais nos trazem sobre tal relação. Percebemos que a possibilidade de falar e de refletir sobre a interação com os filhos traz como consequência mudanças significativas, não só no comportamento dos pais como também no das crianças.

Acreditamos que na interação a pessoa se transforma, modifica o meio, modificando a si mesma (Pichon, 1977).

Esta visão dialética da interação pode ser encontrada também

em psicólogos como Mead (1972), Vygotsky (1984) e Wallon (1979) os quais propõem que o conhecimento das coisas seja adquirido pela interação prática com as mesmas. Tanto para Mead, como para Vygotsky e Wallon, o social é condição para o simbólico.

Os três acreditam que é por meio da interação social que o movimento vai impregnar-se de significado e sofrer transformações qualitativas que resultam em processo de simbolização. À medida que a criança cresce, o processo que era inicialmente partilhado com o adulto passa a ser articulado como modo de funcionamento da própria criança. Isto é, as mediações transformam-se em processo intrapsíquico.

No processo de construção da simbolização tem-se enfatizado o papel da representação ou imagem que um parceiro vai construindo do outro enquanto interlocutor.

Pereira (1989), ao observar o desenvolvimento da comunicação gestual em quatro crianças deficientes auditivas, na interação com suas mães ouvintes, verificou que, embora todas as crianças tivessem desenvolvido uma comunicação gestual, algumas apresentavam um predomínio da fala, ainda que na forma de vocalizações, enquanto outras pareciam dar preferência aos gestos. Tal escolha parece, para a autora, ter sido influenciada em parte pela representação ou imagem que tanto a criança como o adulto iam construindo do parceiro enquanto portador de uma deficiência auditiva.

Com a descoberta da deficiência auditiva do filho surgem conflitos, como negação da deficiência, sentimentos de auto-comiseração, sentimentos de culpa e vergonha, que trazem mudanças na representação ou imagem que os pais têm de seu filho, acarretando dificuldades na interação entre eles; dificuldades que consistem em mais um forte fator de desvantagem, se somado à deficiência em si.

Neste sentido, consideramos imprescindível o trabalho com os pais, a fim de facilitar a interação dos membros da família e, conseqüentemente, o processo de desenvolvimento emocional, social, cognitivo e de linguagem da criança deficiente auditiva.

A partir dessas idéias realizamos, desde 1988, grupo de pais com o objetivo de trabalhar a interação pais-criança e as dúvidas e problemas colocados pelos pais.

O objetivo não é ensinar a interagir, mas possibilitar, por meio das discussões no grupo, que os pais tenham clareza de que 'imagem' têm dos filhos, o que, de certa forma, responde pelas atitudes que adotam e pela linguagem que usam com os mesmos.

O grupo de pais, objeto de nosso relato, é composto pelos pais das crianças que estão ingressando na Pré-Escola da DERDIC, com idade entre três e 3,6 anos de idade.

As reuniões são semanais, a presença de pelo menos um dos pais é obrigatória. O tempo fixado é de uma hora e a duração do grupo é de dois anos.

Além dos dados trazidos pelas mães, tanto relativos a aspectos emocionais como lingüísticos, trazemos para o grupo dados de observações por nós efetuadas nas classes, sobre a interação das crianças com professores e colegas, bem como gravações em vídeo-tape de atividades realizadas pelas professoras ou fonoaudiólogas em sala de aula.

Além disso, são realizadas, e posteriormente discutidas com o grupo, duas gravações de vídeo-tape por ano de atividades lúdicas, planejadas para observar a interação entre as mães e as crianças, como a matroginástica, por exemplo, na qual as mães realizam com os filhos atividades físicas, dirigidas pelo professor de educação física.

Gravações bimensais da interação entre cada mãe e seu filho em situações não-dirigidas são realizadas para a obtenção de dados sobre a interação mães-crianças.

Desde as primeiras reuniões ficou evidente que as mães tinham muita dificuldade em lidar com as crianças. Na verdade, embora a maior parte tivesse outros filhos ouvintes, elas não tinham clareza do que fazia parte do desenvolvimento de crianças e o que era diferente no deficiente auditivo, e acabavam atribuindo à patologia todos os comportamentos expressos pela criança. Por exemplo, quando a criança é minimamente contrariada e apresenta comportamentos de birra, como gritar, chorar, ime-

diatamente os pais procuram satisfazê-la, por imaginar que ela não tem capacidade para entender e aceitar o 'não' como limite de realidade.

A partir de exemplos como o citado acima, procuramos trazer à discussão dois aspectos que, a nosso ver, respondem pela interação entre pais e filhos. São eles: a representação ou imagem que um parceiro vai construindo do outro enquanto interlocutor e a comunicação que na dupla pais ouvintes e criança deficiente auditiva acontece com dificuldade. Na verdade, tais temas estão presentes na maior parte das reuniões do grupo.

A representação do filho enquanto portador de uma deficiência auditiva e o tipo de comunicação estabelecida entre eles parecem subjacentes a algumas preocupações que eles trazem freqüentemente, tais como: o uso do aparelho de amplificação sonora individual, a birra, a resistência ao uso dos gestos na comunicação e até a aceitação da deficiência auditiva.

Em reunião ao uso do aparelho de amplificação sonora individual, alguns pais colocam na criança a resistência quanto a seu uso, com afirmações do tipo: "Meu filho não gosta de usar o aparelho", por exemplo. Na verdade, os pais se decepcionam ao constatar que o aparelho de amplificação sonora individual não realiza o seu desejo de ver o seu filho sendo ouvinte.

À medida que investigamos este dado, surgem dos pais falas como: "Tenho medo que o aparelho quebre"; "Não percebo diferença na criança com ou sem aparelho"; "Tenho vergonha (ou fico com raiva) porque o aparelho chama a atenção e desperta a curiosidade dos outros".

Entendemos que essas falas refletem dificuldades dos pais em lidar com a deficiência auditiva do filho e que o aparelho de amplificação sonora evidencia este fato para eles. Em decorrência, observamos que os filhos destes pais apresentam resistência quanto ao uso do aparelho e isto compromete o desenvolvimento do seu potencial auditivo.

Por outro lado, os pais que reconhecem a utilidade do aparelho de amplificação sonora e acreditam no potencial auditivo do filho, não colocam tantas dificuldades em relação ao seu uso pela criança; pelo

contrário, valorizam o seu uso e estimulam o aproveitamento dos restos auditivos pelo filho. As crianças, por sua vez, parecem se beneficiar com o uso de aparelho de amplificação sonora, valorizando-o, de forma que o mesmo passa a fazer parte de seu próprio corpo.

A birra é uma preocupação constante dos pais. Ela surge como problema, em afirmações como: “Não sei como fazer com ela (a criança)”; “Ela quer tudo o que vê”; “Quando não faço o que ele quer, ela chora, grita muito etc. ...”. Tais queixas trazem momentos de muita tensão no grupo, porque parece que não há saída, alternativa ou possibilidade de mudar a situação. Novamente a representação da criança com uma deficiência auditiva e a dificuldade de comunicação parecem permear a questão.

A presença da deficiência auditiva parece desencadear nos pais uma imagem dos filhos como menos capazes de suportar situações de frustração ou mesmo de entender o significado do ‘não pode’. Tal dinâmica resulta numa interação pais e filhos mais infantilizadora, prolongando fases do desenvolvimento emocional e desta forma prejudicando o próprio desenvolvimento da criança.

Também na resistência que alguns pais apresentam em relação ao uso de gestos na interação com os filhos deficientes auditivos a representação ou imagem do filho como portador de uma deficiência auditiva parece estar bastante presente, principalmente se levamos em conta que se tratam de crianças pequenas (três anos), com deficiência auditiva severa ou profunda e com pouca comunicação oral.

Pelo não uso do gesto, alguns pais parecem negar a deficiência auditiva do filho. Para eles os filhos entendem tudo que se fala. Notamos no relato destes pais, no entanto, que na interação com os filhos a comunicação tem um lugar de pouca importância.

Para os pais que têm uma imagem dos filhos como portadores de uma deficiência auditiva, os gestos constituem um meio de facilitar a interação. Como aponta Pereira (1989), a representação das potencialidades comunicativas reais das crianças leva os pais a valorizarem tanto a modalidade gestual como a oral na interação com os filhos.

Por meio das discussões e das reflexões que fazemos no grupo, percebemos que as mães já não se colocam tão identificadas com os filhos, podendo reconhecer as necessidades destes como separadas das suas próprias necessidades.

Temos observado que a organização do grupo e o resgate da identidade pessoal dos pais tem possibilitado um crescimento e um desenvolvimento harmonioso das crianças em todos os seus aspectos: emocional, social, lingüístico, cognitivo e auditivo.

Referências Bibliográficas

- MEAD, G.H. *Mind, self and society*. 18ª ed. Chicago, The University of Chicago Press, 1972.
- PEREIRA, M.C.C. *Interação e construção do sistema gestual em crianças deficientes auditivas, filhas de pais ouvintes*. Campinas, Unicamp, 1989. (Tese de Doutorado)
- PICHON, E.R. *El processo grupal. Del psicanálisis a la psicología social*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1977.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- WALLON, H. *Do acto ao pensamento. Ensaio de psicologia comparada*. Portugal, Lisboa, Moraes Editores, 1979.